

NÃO LOCALIDADE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS: UMA CON- VERSA ENTRE A FÍSICA E A PSICOLOGIA

July Anna Guimarães Carmo¹
Romério Ribeiro da Silva²

RESUMO

Os fenômenos psíquicos são comumente estudados a partir de teorias realistas, isto é, a partir de teorias que enxergam causa e efeito fazendo parte de um mesmo espaço fenomênico. Ao extremo, essas teorias podem levar a uma visão distorcida do caráter truista dos fenômenos locais. Nesse sentido é oportuno questionar se outras ciências, como a Física, podem contribuir para uma ampliação do objeto de estudo da Psicologia. Investigar a não-localidade dos fenômenos, proposta feita pela Física, pode estabelecer uma via de mão dupla entre essas duas ciências, construções humanas que são. Partindo-se de uma pesquisa exploratória, tendo em vista a flexibilidade e a conveniência do estudo, buscou-se, na literatura, os pressupostos atuais que subjazem na pesquisa dos fenômenos psíquicos em termos de localidade. Percebeu-se que há muito mais semelhanças do que diferenças entre a Física e a Psicologia, uma vez que ambas se equilibram entre dois infinitos.

Palavras-Chave: fenômeno, psíquico, localidade, não localidade.

ABSTRACT

Psychic phenomena are commonly observed from realistic theories, that is, from theories that see cause and effect as part of the same phenomenal space. In the extreme, these theories can lead to a distorted view of the truistic character of local phenomena. In this sense, it is opportune to question whether other sciences, such as Physics, can contribute to helping the object of study of Psychology. Investigating the non-locality of phenomena, proposed by Physics, can establish a two-way street between these two sciences, human constructions that they are. Starting from an exploratory research, in view of the flexibility and conduct of the study, we sought, in the literature, the current budgets that underlie the research of psychic phenomena in terms of locality. It should be noted that there are many more similarities than differences between Physics and Psychology, since both are balanced between two infinities.

¹Acadêmica de Psicologia, 10º Período, Centro Universitário Atenas.

²Professor do Centro Universitário Atenas. Físico graduado pela UnB com mestrado em Teoria do Caos e Sistemas Complexos. Tem especialização em Física dos Materiais Aplicados. Tem experiência em Física Teórica, Simulação Computação, Métodos Matemáticos da Física, Física Médica e Ensino de Física.

Keywords: phenomenon, psychic, locality, non-locality.

1 – INTRODUÇÃO

Em algum momento de suas existências talvez os indivíduos tenham se perguntado se o que se vive e se vivencia é de fato a realidade -, ou se apenas estamos, ainda, de modo mais sofisticado, presos no ideal do mito da caverna platônica.

Ou, talvez, o que entendemos como realidade seja apenas o eterno adiamento e busca da gratificação freudiana.

Pode ser que a realidade seja a subjetivação dos tipos junguianos.

Certo é que, dada a complexidade do ser humano em si mesmo e em suas relações com o outro e com o mundo, há que se admitir, pelo menos em tese, a existência de fenômenos fora da sua realidade causal e determinística.

Certamente o maior desafio para essa aceitação é não admitir que conceitos e ideias da pseudociência se juntem na busca por respostas para aquilo além-fronteira.

Parece ser prudente considerar que o auxílio da mais básica das ciências – a Física – e suas implicações epistemológicas e filosóficas possam agregar valor à discussão no cerne dessa pesquisa.

Não se trata de um fim último, mas de um chamamento à travessia do Bojador e suas intercorrências.

Nesse sentido é a convergência e as imbricações ontológicas e epistemológicas que se busca nessa leitura do estado atual da arte no que se refere à compreensão dos fenômenos não-locais e suas particularidades. Questionando mesmo sua existência enquanto objeto de estudo da Psicologia.

1 – MÉTODOS

Para o estudo em tela, optou-se pela pesquisa exploratória, tendo em vista a flexibilidade e a conveniência desse estudo, buscando o que se publicou na literatura sobre o problema em apreço.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002, p. 45), “torna mais explícito o entendimento e a construção de hipóteses, além de facilitar e estimular o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições”.

No escopo da pesquisa exploratória optou-se pela pesquisa bibliográfica, ou seja, aquela desenvolvida a partir de livros e artigos sobejamente debatidos.

2 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Ponczek (2009) vemos que o realismo científico tem suas bases na interpretação de que a ciência descreve, a partir do seu objetivo e de sua evolução e conquistas, o que seja a realidade.

Note-se que esse é um viés poderoso em um dado momento, visto que as teorias científicas irão descrever com o máximo possível de autenticidade os fenômenos e as entidades da natureza.

Na tese do realismo científico esses mesmos fenômenos e entidades físicas existem à revelia de nossa observação ou da nossa capacidade para descobri-los, apreendê-los e entendê-los.

Nesse sentido, esse artigo debruça sobre os assim chamados fenômenos não-locais numa possível convergência entre a Física e a Psicologia.

Para Mednicoff (2008), o princípio da causalidade garante que, grosso modo, a causa e o efeito estão no mesmo espaço fenomênico -, em outras palavras, causa e efeito, ambos, devem ser observados atuando em um mesmo local e não são influenciados pela observação de outrem.

Por outro lado, o princípio da não-localidade relaciona-se à fortes correlações entre resultados de observações e medições realizadas em sistemas espacialmente afastados (Mednicoff, 2008).

Nos fenômenos não-locais, causa e efeito não obrigatoriamente estão, embora vinculados, no mesmo espaço fenomênico. Além disso, a presença de um observador interfere no fenômeno observado.

Aqui, considera-se haver um ponto de ruptura que consiste na busca pela resposta ao questionamento fundamental: todos os fenômenos psíquicos podem ser estudados exclusivamente pelo princípio da causalidade?

Conforme nos ensina Leite (2010), Machado (2013) e Godoy (2018), crer na existência de uma realidade objetiva, isto é, crer em uma realidade independente de qualquer observação ou da subjetividade do indivíduo parece não dar conta dos fenômenos associados à mente, às emoções e à cognição.

Quando se caminha ‘para frente’ empurra-se o piso sob os pés ‘para trás’ -, percebe-se que, claramente, causa e efeito estão em um mesmo espaço fenomênico, a despeito das forças eletromagnéticas envolvidas.

Quando se abandona um corpo, espera-se que o mesmo, ao interagir com o campo gravitacional local, mova-se espontaneamente em direção ao solo. Vê-se, novamente que, mesmo a distância, causa e efeito fazem parte de um mesmo espaço fenomênico.

Nessa mesma linha de pensamento tem-se que,

“O homem e todo o pensamento teórico e sistemático sobre ele tem origem na realidade social. No entanto, o resultado que temos nas ciências é uma ideia de homem como autônomo, como uma entidade, dotado de uma essência que o caracteriza como homem. A realidade social passa a ser pensada como o local onde essa essência se desenvolve, atualiza-se, desabrocha e realiza-se. Toda a determinação social do homem fica oculta sob essas ideias e conceitos, que se tornam representações ilusórias” (BOCK, 1997, p. 37).

A autora apregoa que o homem concreto, objeto da Psicologia, tem se distanciado dessa mesma Psicologia, pois o psiquismo é considerado como um atributo inerente ao homem. O lugar social do homem seria o cenário onde esse indivíduo se atualiza.

Rocha (2014) vê tais ponderações de modo substancialmente verdadeiro e pertinente e aceita o homem e o fenômeno psicológico em um contexto cultural, político, social e econômico, conquanto, alerta que é preciso ir mais longe e admitir a não-localidade dos fenômenos psíquicos.

Esse passo carrega consigo a ontologia do existir, do ser. Rocha (2014) reflete sobre o sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências no mesmo espaço-tempo.

Da obra de Brentano insere-se a primeira forma sistemática de se abordar o tema.

“Os fenômenos psíquicos não têm extensão ou localização espacial. Brentano define inicialmente, nesta determinação, os fenômenos psíquicos em um sentido negativo, ou seja, como carência de extensão e localização. [...] ao contrário, os fenômenos psíquicos – tais como pensar, querer etc. – aparecem desprovidos de extensão no espaço” (apud PIRES, 2019, p. 40).

Em contraponto, Chaves (2011) defende de modo aberto que a pesquisa em Psicologia precisa estar orientada e alinhada com uma abordagem epistemológica que traga de outras áreas do conhecimento os esclarecimentos oportunos e necessários para a definição do objeto de estudo da própria Psicologia em bases mais amplas.

Vê-se que o objeto de estudo da Psicologia, como o de qualquer outra ciência, enquanto descritor de um fenômeno, está permeado de incertezas e isso não a torna menor; ao contrário, mostra sua abrangência e desvela suas possibilidades.

Para os psicólogos, no que tange ao fenômeno psicológico, tem-se que ele

“É um fenômeno interior ao homem; tem vários componentes; é uma estrutura, uma organização interna ao homem; possui aspectos conscientes e inconscientes; há algo de biológico e de social neste fenômeno; a interação é importante na sua constituição (interação com o meio, com os outros); recebe influência de fora e influência do meio; é um fenômeno passível de ser conhecido (consciente), mas tem aspecto a que não se tem acesso (inconsciente); [...] o fenômeno psicológico seja lá qual for sua conceituação aparece descolado da realidade na qual o indivíduo se insere e mais ainda, descolado do próprio indivíduo que o abriga. Esta é a noção: algo que se abriga em nosso corpo, do qual não temos muito controle; visto como algo que em determinados momentos de crise nos domina sem que tenhamos qualquer possibilidade de controlá-lo; algo que inclui “segredos” que nem eu mesmo sei; algo enclausurado em nós que é ou contém um ‘verdadeiro eu’” (BOCK, 2014, p. 5).

Ainda mais.

“Como exemplo final da evolução paralela da microfísica e da psicologia, podemos considerar o conceito de Jung de significado. Onde, anteriormente, os homens buscavam explicações causais (isto é, racionais) dos fenômenos, Jung introduziu a ideia de procurar-se o significado (isto é, o “propósito”). Vale dizer que, em lugar de perguntar por que alguma coisa acontece (o que a causou), Jung pergunta: para que ela acontece? Esta mesma tendência aparece na física: inúmeros físicos modernos procuram na natureza mais as “conexões” do que as leis causais (o determinismo)” (ADAMO, 2020, p. 17, apud JUNG, 1946, p. 307).

Nesse vislumbre momentâneo sobre a natureza da realidade acredita-se na convergência dos diversos saberes e na confluência das ciências de um modo geral e da Física e da Psicologia em particular.

Em Bock (1997, p. 40) o “fenômeno psicológico é algo que o homem já possui aprioristicamente, pois pertence à natureza humana” e isso conjura o fenômeno psíquico ao princípio da causalidade. Atrelando a ele o reducionismo.

Por outro lado, Chaves (2011, p. 6) considera “necessário que a pesquisa psicológica seja orientada por uma abordagem epistemológica que recorra a outras áreas do conhecimento para o esclarecimento do seu objeto específico de estudo”.

Objetivamente, então, requer-se que haja maior entendimento sobre a permanência e a mudança; sobre o ser e o devir.

No escopo desse artigo o único modo seguro de se caminhar no contexto da imbricação entre a Física e a Psicologia é fundamentando-se os objetos de estudo de ambas a partir do ponto de vista da epistemologia.

E, pelos ensinamentos de Japiassú & Marcondes (1990, p. 82), “é por esse viés que se pode reagrupar a crítica do conhecimento científico visando determinar seu alcance e seu valor objetivo”.

Ainda sob a égide desses mesmos autores, torna-se possível considerar a diminuição dos imperativos reducionistas no estudo dos fenômenos psíquicos, pois “a redução da mente aos processos neurofisiológicos, do comportamento do indivíduo às leis sociológicas, da realidade ao mundo material” acaba por limitar as possibilidades infinitas do ser humano *per se*.

Rocha (2014) vai ainda mais longe e nos insta a refletir sobre a emergência mental. Nesse sentido, o surgimento da mente pode não estar vinculado apenas ao surgimento da matéria e às suas leis. A mente seria produto de sua própria existência e isso invalidaria o processo de senciência, não-local que é por natureza.

Veja-se que um grande passo fora dado, uma vez que não se trata apenas de se discutir a visão social, história ou até mesmo política da realidade e, conseqüentemente do homem, mas, tão mais importante, questionar sua natureza e como essa natureza se filia à mente humana.

Rocha (2014) indica que o funcionamento cerebral é de tal monta complexo, que uma descrição causal de seus processos e fenômenos tende a fracassar e que, forçosamente, essa descrição requer a atribuição não-local dos fenômenos mentais.

Pires (2019) nos conduz de modo muito consciente na seara da definição do que seja fenômeno; este é um conceito para além da materialidade e da objetificação de eventos naturais, aqueles que ocorrem no mundo independentemente do indivíduo ou do observador.

Como vimos a pouco, Brentano (2020) considera que os fenômenos psíquicos se relacionam positivamente a um objeto ou carregam consigo, de forma imanente, um objeto.

No entanto, existem casos bem documentados de pessoas com extensas lesões cerebrais que reavivaram suas memórias. Esse fato indica que não deve haver no cérebro regiões localmente bem definidas para o registro das lembranças, o que dificulta potencialmente a identificação da imanência e da objetificação dos fenômenos psíquicos (PARRENTE; SPARTA; PALMINI, 2001).

Inevitavelmente surge um confronto entre a causalidade e a não-localidade. Causa e efeito vão para além da sincronicidade temporal. Parece mesmo que fenômenos síncronos no tempo, não o são no espaço.

Certamente essa é uma visão dramática para, novamente, a relação entre a permanência e a mudança, uma vez que a tessitura dos fenômenos psicológicos e/ou psíquicos não pode prescindir dos caracteres ônticos e ontológico deles.

Do mesmo modo e, por isso mesmo, o caráter aparentemente truista dos fenômenos psíquicos vai sendo desconstruído, pois como nos afirma Campos (2002) a realidade pretensamente objetiva carece desse atributo.

Rocha (2014, p. 88) esclarece ainda que “a *localidade* afirma que as causas de um evento qualquer têm de ser buscadas no *local* do evento ou em locais capazes de enviar uma informação física que precisa chegar ao local do evento antes de sua ocorrência”.

Para espanto geral, John S. Bell, mostrou que a realidade tem que ser não local o que não invalida os gatilhos, mas certamente leva uma nova visão do todo.

O resultado dessa discussão é que com esse cenário torna-se justificável, e até mesmo desejável, que se procure modelos de definição e interpretação da realidade vivida e vivenciada por um viés multidisciplinar -, é aqui que se considera plausível a abertura dos objetos de estudo da Psicologia e da Física.

Isto posto porque certamente os fenômenos considerados não-locais exigem muito mais do pesquisador, tendo em vista a enorme dificuldade que se tem para estabelecer uma relação causa-efeito proporcionalmente direta.

Em Pessoa Jr (1994) aprendemos que na visão behaviorista evita-se falar dos estados mentais, isto é, adota-se uma abordagem instrumentalista; os cognitivistas supõem que as informações são processadas no encéfalo do indivíduo; os psicanalistas freudianos assumem que existam processos inconscientes, embora reais, que produzem as ideias e levam aos comportamentos; nas psicanálise junguiana o realismo é forte o bastante para afirmar que há um inconsciente coletivo ligando experiências no espaço e no tempo para diferentes indivíduos e, por fim, em Lacan, embora haja uma tendência antirrealista em

abandonar uma ideia de verdade correspondente, todas essas linhas são subservientes à *localidade* dos fenômenos psíquicos.

Imbricando e afunilando os resultados, pode-se ver que, de modo simplificado, mas não simplista e tributários à epistemologia, “o cientista ou clínico, em Psicologia, acessa os sintomas manifestados pelo humano na forma de comportamentos, expressões e fala. Porém, o que ocorre por trás das aparências, no corpo e na mente do sujeito?” (PESSOA JR, 1994, p. 146).

3 – CONCLUSÃO

Do exposto, espera-se ampliar a compreensão do que seja a realidade, de modo a contribuir para uma leitura multidisciplinar quando da interpretação dos fenômenos naturais em geral e, psíquicos em particular.

Considera-se algo a ser esperado a identificação clara do que seja fenômeno não-local e sua importância no estudo da realidade.

Alerta-se, ainda, sobre o cuidado a ser mantido para não tornar a Física Quântica a disciplinadora da realidade última; ao contrário, deve-se evitar, tanto quanto possível, a utilização do termo quântico, sob pena de dar às falácias autoridade inexistente.

O indivíduo se equilibra entre dois infinitos – o muito grande na teoria da relatividade e o muito pequeno na teoria quântica – e, do que se conhece de ambos os infinitos, esse indivíduo saiu, de uma relação causa e efeito, pura e simples, e se tornou a combinação de todas as possibilidades, o somatório de tudo aquilo que pode vir a acontecer, sem limites.

REFERÊNCIAS

- ADAMO, Cristiane. **O diálogo entre as teorias da física quântica e psicologia analítica: uma reflexão sobre a qualidade das conexões humanas.** Revista do Instituto Junguiano de São Paulo, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 1-21, jun. 2020.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la Psicologia atual.** Psicologia Para A América Latina, Cidade do Mexico, v. 1, n. 1, p. 1-10, fev. 2004.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Formação do Psicólogo: Um Debate a Partir do Significado do Fenômeno Psicológico.** Psicologia, Ciência e Profissão, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 37-40, fev. 1997.
- BRENTANO, F. **Psicologia desde um ponto de vista empírico.** Madrid, Ediciones Siguemes, 2020.
- CAMPOS, Hélio Silva. **Uma Abordagem Sobre A Irracionalidade Da Realidade No Problema Da Observação.** Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Salvador, v. 19, n. 2, p. 191-207, ago. 2002.
- CHAVES, Antonio Marcos. **O fenômeno psicológico como objeto de estudo transdisciplinar.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Salvador, v. 13, n. 1, p. 1-7, set. 2011.
- GODOY, Walquiria. **Explorações Filosóficas da Não-Localidade em Física Quântica: Desdobramentos do argumento de EPR.** 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Física, Instituto de Física, Universidade de São Paulo, São Paula, 2018.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique** (OC, Vol. VIII/2, Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, trad., 3a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- LEITE, Anderson; SIMON, Samuel. **Werner Heisenberg e a Interpretação de Copenhague: a filosofia platônica e a consolidação da teoria quântica.** Scientiæ Studia, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 213-241, ago. 2010.
- MACHADO, Rodrigo Rodrigues. **O Teorema de Bell.** 2013. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Física, Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- MEDNICOFF, Elizabeth. **Dossiê Jung.** São Paulo: Universo dos Livros, 2008
- PESSOA JUNIOR., O. **A física quântica seria necessária para explicar a consciência?** In: Questões metodológicas em ciências cognitivas. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados – USP, 1994. p. 145-152.

PESSOA JUNIOR, Osvaldo (org.). **Consequências Filosóficas do Teorema de Bell**. In: CHEDIK, Karla; VIDEIRA, Antonio Augusto P. (org.). *Temas de Filosofia da Natureza*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 92-123.

PIGOZZO, Daniel; NASCIMENTO, Matheus Monteiro; LIMA, Nathan Willig.

PIRES, Jesuino Junior. **Franz Brentano e a Distinção Entre Fenômenos Físicos e Fenômenos Psíquicos**. *Guairacá Revista de Psicologia*, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 34-55, mar. 2019.

PONCZEK, RL. *Deus, ou seja, a natureza: Spinoza e os novos paradigmas da física*. Salvador: EDUFBA, 2009. 352 p.

ROCHA FILHO, João Bernardes da. **Física e Psicologia: aproximando Jung e a Física**. 5. ed. Porto Alegre: EdPUCRS, 2014.

KAMPYLIS, P. G.; VALTANEN, J. **Redefining creativity—analyzing definitions, collocations, and consequences**. *The Journal of Creative Behavior*, v. 44, n. 3, p. 191-214, 2010.